

INTRODUÇÃO

Bem-vindo à *Odisseia*! É o quarto livro da série em que narro os mitos gregos. Para compreender e desfrutar deste *Odisseia*, asseguro-o, não é necessário ter lido os três anteriores – *A Grande História dos Mitos Gregos*, *A Grande História dos Heróis Gregos* e *A Grande História de Troia*. Naturalmente, espero que possa voltar a lê-los, ou que já o tenha feito, mas a história da Odisseia vale por si mesma, em todos os sentidos.

Dito isto, talvez valha a pena dar uma volta pela pista antes que a corrida se inicie, para se familiarizar com o mundo em que vamos entrar. Talvez a melhor maneira de o conseguir seja pensar nas três «idades» que correspondem aos primeiros três livros da série.

A IDADE DOS DEUSES

O nascimento e ascensão dos deuses constituem a primeira parte do livro *A Grande História dos Mitos Gregos*. Após violentos atos de destituição, doze importantes divindades instalaram-se no monte Olimpo para governar o mundo e os seus domínios. O seu rei é Zeus, o Pai dos Céus. No final deste livro, é possível encontrar os nomes dos principais deuses, com uma breve descrição da sua natureza e responsabilidades, na Lista de personagens.

Para começar, o reino de baixo é habitado apenas por animais, monstros, ninfas e uma variedade de divindades menores. Mais

tarde, Zeus e o seu amigo, o titã Prometeu, criaram a humanidade, e não foi preciso muito tempo para nos espalharmos pelo mundo.

Zeus e a maioria dos outros habitantes do Olimpo não conseguem deixar de se imiscuir nos nossos assuntos, muitas vezes castigando o que consideram ser o arrogante *hubris* dos mortais, e outras tantas envolvendo-se ao nível mais carnal com os humanos que consideram graciosos e atraentes.

A IDADE DOS HERÓIS

Muitos dos filhos gerados por um mortal e um imortal ascenderam ao estatuto de semideuses – Perseu, Héracles, Teseu e Jasão, por exemplo. Estes são os temas de *A Grande História dos Heróis Gregos* – figuras corajosas e muitas vezes complicadas, especialmente celebradas pelas suas buscas e pelos duelos com os monstros que intimidam e ameaçam a humanidade. Através das vitórias sobre estas criaturas, o mundo torna-se mais seguro e mais estável para os humanos. Os primeiros sinais de cidades, portos, comércio e agricultura vão surgindo no mundo.

À medida que os anos passavam e a civilização humana se desenvolvia, a sua relação com os imortais ia mudando subtilmente. Os humanos são obedientes nas preces e nos sacrifícios aos deuses, mas cada vez mais do seu tempo e dos seus interesses é dedicado às próprias preocupações. Os deuses ainda interferem ocasionalmente, mas tornam-se mais cautelosos (ou cansados?) em relação ao cruzamento com os humanos e à interferência na sua vida. A humanidade parece mais interessada em si mesma e em definir e alcançar os próprios objetivos.

A IDADE DO HOMEM

A Guerra de Troia, se bem que instigada pelas ações dos deuses e sujeita regularmente à intervenção e ingerência divinas, é em grande

parte travada, padecida e suportada pelos homens e mulheres comuns. Algumas das suas personagens principais têm sangue divino na linhagem – Aquiles, Helena, Odisseu e Eneias, por exemplo –, e determinados deuses têm garantidamente um interesse apaixonado no conflito, mas, na sua essência, a Guerra de Troia é um empreendimento dos mortais.

Mas, agora, já terminou, e a esquadra grega e os seus reis, príncipes e comandantes anseiam pelo regresso a casa.

É neste ponto que se inicia *Odisseia*. É uma história profundamente humana, mas ainda se pode encontrar uma grande quantidade de deuses e de monstros. Depois de Zeus, as três deusas Hera, Afrodite e Atena são personagens de destaque nesta história, juntamente com o deus mensageiro Hermes. Existe uma razão para o seu estreito envolvimento, a qual deriva do episódio que desencadeou toda a Guerra de Troia e respetivas consequências. Recordemos essa história...

O JULGAMENTO DE PÁRIS

Num dia memorável no monte Ida, fora da cidade de Troia, Hermes trouxe um jovem pastor de nome Páris à presença das deusas Hera, Atena e Afrodite. Páris tinha sido chamado para atribuir uma maçã de ouro àquela que considerasse a mais bonita das três. Escolheu Afrodite, a deusa do amor, que lhe prometera como recompensa a mais bela das mulheres, Helena. As outras duas deusas desapareceram, numa nuvem de fumo e azedume.

Afrodite cumpriu a sua palavra, ajudando Páris a levar Helena desde a sua cidade de Esparta até Troia, no outro lado do mar.

Humilhado, desonrado e enraivecido, Menelau, o marido de Helena, e o seu irmão Agamémnon, rei de Micenas, reuniram uma colossal força invasora no continente grego e nas ilhas, com o propósito de levar Helena de volta e recuperar a sua honra insultada. A esquadra de aqueus, daneus, helenos, argivos – é mais fácil chamá-los gregos, se bem que na altura não existisse um país chamado

Grécia – navegou para leste, em direção a Troia, que sitiaram durante dez anos brutais e sangrentos.

Afrodite colocou-se ao lado de Troia, assim como o amante, o deus da guerra Ares, e os deuses gémeos arqueiros Artemisa e Apolo. Tendo sido desdenhadas por Páris, no seu entender, Atena e Hera apoiaram a causa dos gregos. Zeus, incomodado com o assunto, tentou manter algum tipo de neutralidade.

O CAVALO DE MADEIRA

O impasse de dez anos foi quebrado pelo mais ardiloso e perspicaz dos guerreiros gregos mais experientes, Odisseu de Ítaca (mais tarde conhecido pelo seu nome romano de Ulisses), que concebeu um plano extraordinário.

Uma manhã, os troianos olharam do alto das muralhas e constatarem que todos os navios e tendas da força expedicionária grega tinham desaparecido. Lá fora, na planície de Ílio, a única coisa que se podia ver era um enorme cavalo de madeira. Rejubilantes, os troianos, convencidos de que a vitória era deles e que os gregos tinham fugido, deixando ficar aquele artefacto como dádiva, puxaram aquela cilada para dentro da cidade. Durante a noite, um esquadrão de soldados gregos saiu do cavalo, por um alçapão escondido na sua barriga, e abriram os portões para permitir a entrada do grosso do seu exército. A população de Troia foi dizimada a golpes de espada e a cidade incendiada.

A guerra terminara. Para os troianos, a pátria estava destruída. Para os gregos, a pátria acenava-lhes.

TEMPESTADES

É hábito descrever-nos, a nós, mortais, como os filhos dos deuses, mas na realidade são os deuses que agem como as crianças. À semelhança das crianças, os deuses não têm paciência. E, à semelhança das crianças, explodem em birras quando os seus desejos são contrariados; e, quando descobrem que esses desejos não são afinal o que queriam, batem o pé e gritam de fúria. Nenhuma cólera é mais desenfreada nem mais insuportável tanto para mortais como para imortais do que aquela que é dirigida contra si mesmo.

Vendo o fumo elevar-se das ruínas da cidade de Troia e ouvindo os últimos prantos dos massacrados e dos sobreviventes, ATENA sentiu-se perseguida por um sentimento de pavor. Tudo aquilo por que trabalhara acontecera. O impertinente PÁRIS, que se atrevera a julgar a sua beleza inferior à vulgar atração de AFRODITE, pagara pela insolência, morrendo em agonia no exterior das muralhas da sua cidade adotiva. HELENA, o prémio que Afrodite ajudara Páris a roubar, em breve estaria de regresso a Esparta na companhia do legítimo marido, o rei MENELAU. Um grande erro fora corrigido. A vitória das forças aqueias sobre os troianos que defendiam a sua cidade fora absoluta.

Enquanto a grande Troia dourada ardia no meio das ruínas e dos destroços, Atena não vivia nenhum sentimento de triunfo. Via os seus cidadãos serem violados, escravizados e cortados em pedaços, numa frenética orgia de matança a que o mundo nunca assistira.

O que sentia – não podia chamar-lhe vergonha; por certo, nenhum habitante do Olimpo podia sentir *vergonha* – era um misto de horror e de decepção que era novo para ela. Estariam os mortais a começar a infetar os deuses com a perversa autoindulgência dos sentimentos íntimos? Era aos deuses que pertencia inspirarem a humanidade no sentido de imitar o divino, não aos humanos reduzir os deuses a imagens imperfeitas de si mesmos.

Com a queda de Troia alguma outra coisa caíra, mas Atena não sabia dizer o que era. Tinha a sensação de que nada voltaria a ser igual, tanto no reino dos mortais como no dos imortais.

Observou os gregos vitoriosos a puxarem as carroças cheias de tesouros e a conduzirem os escravos até à grande esquadra durante tanto tempo fundeada nas costas troianas.

Um silêncio espesso abatia-se sobre o mundo. Atena estava convencida de que ocorrera uma mudança no equilíbrio das coisas, de que o mundo dos deuses e dos homens sofrera uma alteração.

Os seus gregos tinham-se mostrado indignos da vitória e de tudo o que ela fizera para a provocar. Não era algo de razoável nela; era antes algo de pueril; mas criticava-os por terem chegado àquele mesmo ponto a que ela os conduzira. Felizmente, encontrou – como todos nós conseguimos encontrar – um alvo mais adequado à sua fúria do que ela própria.

Uma causa legítima de cólera tinha sido o crime abominável de Ajax, rei da Lócrida. «Ajax, o Menor», como alguns lhe chamavam, para o distinguir de Ajax *Telamoniano* ou «Ajax, o Poderoso». Este último Ajax tinha morrido de forma honrosa, pela sua própria mão, antes do final da guerra¹, mas aquele outro provara ser de facto menor. Numa noite de barbaridades indescritíveis e inúmeros crimes contra todos os cânones da honra, o Ajax de Lócrida ultrapassara os piores na brutalidade depravada e na blasfémia. No próprio chão de um templo dedicado a Atena, arrastara a princesa troiana CASSANDRA do altar a que ela se agarrara em busca de refúgio.

¹ Ver *A Grande História de Troia*, página 244. (N. do A.)

O ato foi praticado sem testemunhas mortais, mas Atena não podia deixar as coisas ficarem assim. Um santuário era um santuário. Sussurrou pormenores desta profanação ao profeta de AGAMÉMNON, CALCAS, e este repetiu-os aos príncipes e chefes militares da aliança, acrescentando que Ajax *violara* Cassandra.

De todos os gregos que Atena protegia, nenhum lhe era mais querido do que ODISSEU de Ítaca. Agradou-lhe que, no mesmo instante em que ouviu de Calcas a descrição do crime, tenha apelado a que o violador fosse lapidado.

Ajax fugiu para um templo, à procura de refúgio, e este ato cobarde inflamou a indignação de Atena. Esta rude impiedade, a insolência chocante de um homem que cometera um tal sacrilégio num templo atrever-se a suplicar por proteção noutro, era algo que não podia ficar sem castigo. No entanto, os gregos – apesar dos apelos de Odisseu e de outro dos favoritos de Atena, DIOMEDES de Argos – recusaram-se a ultrapassar a soleira desse templo, com receio de ofenderem o deus menor ao qual ele estava consagrado.¹

Agamémnon preparava-se para regressar a Micenas, carregando os seus navios com o melhor da pilhagem feita em Troia, como era seu dever na qualidade de comandante supremo das forças invasoras. Entre os tesouros humanos, contava-se a mesma Cassandra violada, que ele roubara de Ajax. O seu destino passaria agora por ser levada como cativa para o palácio de Agamémnon, tornando-se uma das suas concubinas.² Quando fosse demasiado velha para os propósitos sexuais, poderia trabalhar nas cozinhas.

Filha do rei PRÍAMO e da rainha HÉCUBA, e como tal irmã de HEITOR e de Páris, Cassandra dedicara a vida a servir como sacerdotisa no templo de APOLO. Não passou muito tempo nessas funções até que o próprio deus Apolo se apaixonasse pela sua beleza. Ele concedeu-lhe o dom da profecia, o que Cassandra aceitou com gratidão.

¹ A História não refere o nome deste deus menor. (N. do A.)

² Por mais obsoleta que seja a palavra «concubina», é difícil substituí-la. «Amante» seria absurdo, «amante à força» soa estranho. «Escrava sexual» é talvez o que mais se aproxima, mas é uma expressão que tem sido depreciada com o passar do tempo. (N. do A.)

Quando Apolo avançou no sentido de reclamar o que considerava ser a justa recompensa pelo seu presente, Cassandra repeliu-o, indignada por ele ter imaginado que podia ter direito ao seu corpo. Por sua vez ofendido e humilhado, Apolo não podia retirar-lhe o dom – nenhum deus pode –, mas podia manchá-lo. Cuspiu-lhe na boca. Daí por diante, jamais alguém acreditaria nas suas profecias, por mais eternamente rigorosas que fossem.

A terrível crueldade da maldição de Apolo tinha talvez sido mais evidente na fatídica manhã em que o cavalo de madeira de Odisseu aparecera junto às muralhas de Troia. O enorme exército sitiante dos gregos e os seus navios que ainda estavam ancorados na costa tinham desaparecido. Os troianos celebraram com júbilo e prepararam-se para levar o cavalo para a cidade. Cassandra pedira-lhes que não fizessem nada com aquilo que ela via, com toda a razão, como uma armadilha. Predisse que, daquele cavalo, apenas poderiam advir morte, destruição e derrota. Mas, claro, não fora ouvida.

Desde então, viu a sua família quase toda dizimada e a sua cidade reduzida a escombros. E, agora, estava acorrentada a bordo de um navio que a transportaria para uma vida de servidão sexual. Estranhamente, no entanto, não se queixava deste terrível destino. De facto, ria-se e cantava com pormenores arrepiantes a história do que lhe aconteceria e a Agamémnon quando chegassem a Micenas.

Ao longo de toda a cabeça de praia, os navios dos gregos vitoriosos e dos seus aliados estavam a ser carregados com os últimos despojos do saque da cidade caída. Abutres e chacais não abandonam uma carcaça enquanto a derradeira fibra de carne não tiver sido arrancada dos ossos. Aos olhos de Atena, os gregos, com o seu ar arrogante de mérito na vitória, eram piores do que os abutres e chacais.

Havia exceções. NESTOR, o idoso rei de Pilos, já tinha partido, levando poucas riquezas. As esquadras de IDOMENEU de Creta e Diomedes de Argos já navegavam também para sul e para ocidente, a caminho de casa. Parecia que, para eles, as esposas, as famílias e os reinos que os aguardavam valiam mais do que bandejas de ouro e belas escravas.

Nenhum estava mais impaciente por chegar a casa do que Odisseu de Ítaca. Atena viu-o entrar a bordo do seu navio-almirante. A esquadra que ele comandava incluía doze navios, cada um com uma tripulação de mais de quarenta ítacos. Em águas calmas, podiam remar energeticamente se fosse necessário, mas naturalmente esperavam que ventos favoráveis os encaminhassem. Depois de oferecidas as preces e os sacrifícios adequados, também eles abandonariam a amaldiçoada costa onde tinham estado fundeados dez longos anos.

Odisseu, o cérebro do estratagema que finalmente permitiu aos gregos ganharem a guerra, fora recompensado com o grande prémio da rainha de Troia, Hécuba. Mas este acabaria por ser um troféu duvidoso. No momento em que entrou a bordo, atirou-se a ele como uma animal selvagem. Odisseu afastou-a o mais gentilmente que pôde, mas ela não parava de gritar a lista dos horrores que lhe tinham acontecido. Os seus filhos Heitor, Páris, Deífobo, Troilo e até o mais novo, Polidoro, estavam mortos. As filhas tinham sido desonradas. O seu amado marido, Príamo, o maior e mais sábio rei que o mundo conheceu, fora decapitado perante os seus olhos pelo homicida filho de AQUILES, NEOPTÓLEMO. Hécuba uivou o seu furioso catálogo de desespero e dor, culminando numa descrição do terrível destino do seu neto ASTÍANAX, filho único do grande príncipe Heitor. Neoptólemo e os seus homens tinham arrancado Astíanax dos braços da mãe, ANDRÓMACA, e, rindo-se, tinham atirado com a criança para as rochas por baixo das muralhas da cidade.¹ Agora, Andrómaca estava acorrentada a bordo do navio-almirante dos mirmidões,² condenada, tal como Cassandra, a uma vida de servidão sexual. Hécuba jurou pelos deuses que, enquanto tivesse voz, não deixaria de

¹ Em algumas versões, foram os soldados que atiraram com Astíanax, causando-lhe a morte. Noutras, nomeadamente na tragédia de Eurípedes *As Troianas*, foi o próprio Neoptólemo. A sua desculpa, usada por tantos chefes da Máfia desde então, foi a de que o rapaz crescerá e se vingará dele. (N. do A.)

² Os mirmidões (o «povo das formigas») eram uma temível milícia da Ftia leal a Aquiles. Para a história sobre a sua origem, ver *A Grande História de Troia*, página 42. (N. do A.)

amaldiçoar os gregos por estes e outros inomináveis e abomináveis crimes.

Odisseu gostava de pensar em si mesmo como um homem paciente, mas esta avó demente a gritar-lhe e a cuspir-lhe na cara era mais do que ele conseguia aguentar. Hécuba era um prêmio que bem dispensava. Levantou-a nos ares, balouçou-a para o lado do navio e deixou-a cair na areia. Ela ficou ali a rosnar e a gritar, na sombra da proa do navio, até que, aos olhos fatigados de Odisseu, pareceu transformar-se no cão selvagem a que se assemelhava nos sons e na selvajaria.¹

Por mais desesperados que estivessem por chegar a casa, os gregos não foram insensatos a ponto de negligenciar os deuses. Ofereceram sacrifícios de gratidão pela sua vitória e sobrevivência, mas Atena e os outros habitantes do Olimpo consideraram que essas homenagens eram simbólicas, apressadas, superficiais... falhas de convicção.

Esta insolência foi complementada com o próximo ato de selvajaria de Neoptólemo. Informou os gregos de que o seu pai, Aquiles, lhe aparecera num sonho a exigir o sacrifício da princesa troiana Políxena, a filha mais nova de Príamo e Hécuba. Aquiles sentira-se muito atraído por Políxena quando a encontrara na companhia do irmão mais novo, Troilo, que ele matara.² Apesar de Aquiles já estar então morto, considerava-se noivo dela, e a sua sombra exigia Políxena. Assim garantia o filho de Aquiles, Neoptólemo. O culto da glória de Aquiles, conjugado com o medo real da violência impiedosa de que Neoptólemo e o seu exército de mirmidões eram capazes, era demasiado forte para que os gregos resistissem. O sacrifício

¹ Fosse qual fosse o verdadeiro destino de Hécuba, muitos escritores dão-lhe um sabor canino. Uma fonte diz-nos que, por piedade, os deuses a transformaram de facto num cão, permitindo-lhe escapar a Odisseu e aos gregos e continuar a viver a vida algures, não se sabendo ao certo onde. Dante segue uma versão que sugere que a sua dor pela morte dos dois filhos mais novos, POLÍXENA e Polidoro, a enlouqueceu e a fazia ladrar como um cão. «Um cão de olhos ferozes.» Foi sepultada, dizem outros, em Galipoli, num lugar chamado Cynossema – que significa «sepultura do cão»... (*N. do A.*)

² Por causa de uma profecia que previa que Troia não poderia cair se Troilo atingisse os vinte anos. (*N. do A.*)

foi autorizado. Neoptólemo levou Políxena até junto do túmulo de Aquiles, onde lhe cortou a garganta. A jovem não ofereceu resistência, declarando que preferia morrer virgem a viver como escrava. Agamémnon, revoltado com o assunto e talvez lembrando-se do papel que desempenhou no sacrifício da sua filha IFIGÉNIA,¹ não saiu do navio. Com a guerra ganha, a sua autoridade enquanto comandante-chefe estava assinalavelmente diminuída, e ele sabia disso. Odisseu, Diomedes, Ajax, o *Grande*, e muitos outros eram mais amados e tinham conquistado grandes reputações. Era altura de o exausto general regressar a Micenas e recompensar-se com os doces prazeres do lar e da casa, cuja falta sentia profundamente. O seu navio-almirante levantou âncora silenciosamente e conduziu a esquadra micénica para longe da testa de praia. Não houve qualquer cerimónia e quase ninguém deu pela partida.

Aos olhos de Atena, não houve honra nem mérito na vitória grega. E agora, que via o profano Ajax a fugir do templo onde se escondera e a alcançar a segurança dos seus navios locrianos sem obstáculos, o seu desagrado ardente transformou-se numa fúria imperiosa. Viu o violador correr pela areia e subir as cordas de ancoragem do seu navio-almirante, em busca de segurança. Não houve um grego, do mais elevado ao mais humilde, que tivesse a coragem ou a honra suficientes para intervir. E isso era mais do que a deusa podia suportar.

Havia poderes mais antigos e maiores do que os seus, superiores até aos do seu pai Zeus, o Causador de Tempestades e o Rei dos Deuses. As leis cósmicas do Tempo, Destino, Necessidade, Justiça e Castigo eram iniludíveis e imparáveis.² Não era possível resistir-lhes, nem negá-las, mais do que às leis que dirigem os rios para o mar ou que fazem com que uma pedra largada por uma mão caia sempre para baixo, nunca para cima nem para o lado.

POSEIDON, irmão de Zeus, podia abalar a Terra sólida e provocar sismos destruidores de cidades, e chicotear os mares de forma a

¹ Ver *A Grande História de Troia*, página 132. (N. do A.)

² Cronos, Moros, Ananke, Dice e Nemésis eram os seus nomes. (N. do A.)

provocar ondas mais altas do que colinas; HEFESTO conseguia explodir as montanhas em fogo e chamas; Zeus podia encher os céus com nuvens pujantes de trovões e queimar o mundo com fendas de relâmpagos, mas estas demonstrações eram menos do que voos de mosquitos quando comparadas com as terríveis forças do Tempo, do Destino, da Necessidade, da Justiça e do Castigo. Perante estes executores implacáveis da vontade profunda do cosmo, todos os titãs, deuses, homens, mulheres e mundos eram como penas e palhas ao vento.

Estes poderes não tinham rosto nem figura, nem personalidade, presença ou lugar aos quais fosse possível rezar ou que pudessem ser apaziguados. Mas havia momentos em que os sinais da sua atividade eram sentidos de forma mais clara. E Atena estava certa de que agora seria um desses momentos.

Zeus, cuja principal emoção era o alívio por a guerra ter terminado, sabia bem que os deuses que protegiam os troianos – Afrodite, ARES e Apolo, sobretudo – lhe iriam pedir que dificultasse ao máximo o regresso dos navios gregos a casa, mas que a sua filha Atena se abraçasse aos seus joelhos e suplicasse que a esquadra grega naufragasse foi bastante inesperado.

– Durante dez anos, ajoelhaste-te perante mim, implorando uma vitória dos gregos por qualquer meio, e agora queres que sejam destruídos?

Hera, a mulher de Zeus, e Poseidon, o irmão dele, que, tal como Atena, tinham sempre favorecido os gregos, exprimiram a sua concordância. Os navios gregos tinham de ser atirados para o meio da confusão, e o pior deles, Ajax, tinha de naufragar e de se afogar. A impiedade tinha de ser castigada.

– Muito bem, muito bem. – E Zeus passou com as costas da mão pela testa. – Podem começar com as vossas tempestades e dispersar os gregos. Mas fiquem a saber que...

– ... e eu também preciso de uma tempestade – afirmou Hera.

– Já te disse que podes tê-la.

– Outra. Uma diferente.

Zeus abanou a cabeça e respondeu-lhe:

– Estás a ver, é isso precisamente. Não vou admitir que, durante mais dez anos, todos vocês venham aqui suplicar a minha intervenção contra qualquer dos lados. Estou farto disso tudo! Os mortais que se entendam o melhor que conseguirem.

– Tenho a certeza de que não desejas desagradar-me, marido.

E Hera tinha de novo no olhar aquela expressão, a tal que fazia o grande deus dos céus ceder sempre.¹

– Mas porquê mais uma tempestade?

– Poseidon soprará e semeará a confusão entre os gregos que viajam para ocidente a fim de regressar a suas casas. Mas é necessário ele mandar uma tempestade contra outro navio, um navio troiano que está agora mesmo a esgueirar-se em direção ao sul.

– Troiano? Mas que troiano? Quem é esse troiano? Não sobraram nenhuns, não é verdade?

– O príncipe ENEIAS.

– Mas, por amor dos deuses, não posso consentir na sua destruição. É filho de Afrodite.²

– Não estou a pedir a sua destruição, apenas o naufrágio do seu navio e o completo fracasso dos seus planos.

– Mas porquê? Eneias é um homem devoto e decente. Não ouvi dizer nada contra ele. Sei que não gostas dos troianos, mas já foram derrotados. Com certeza que tu...

– Suplico-te.

– Não. Não. De facto, tenho de impor a minha vontade neste assunto. Atena, podes ter a tua tempestade. A blasfémia de Ajax não merece menos do que isso. Mas, lamento, querida esposa, neste caso,

¹ Para Homero, a deusa é quase sempre a Hera «com olhos de vaca» (βοῶπις, boōpis – «com olhar bovino»), que nos nossos dias, passados milhares de anos, não é propriamente um elogio. As vacas e as novilhas eram específicas das deusas, e talvez a presunção mais correta seja a de que tinham olhos grandes. Para nós, as vacas raramente são imperiosas no mesmo sentido em que Hera manifestamente o era, mas talvez isto seja um defeito de observação da nossa parte. (*N. do A.*)

² Afrodite foi levada por Hermes a apaixonar-se por ANQUISES, primo do rei Príamo de Troia. Teve com ele um filho, Eneias, que foi acolhido na corte troiana. Ver *A Grande História de Troia*, página 113. (*N. do A.*)

vou ser firme. Este desejo de humilhar Eneias, que já é um homem humilde, parece-nos bastante mesquinho e ignóbil. Ele poderá passar. A nossa vontade está proferida.

Uma vaga de trovões acompanhou esta última declaração de Zeus.

Manchas de rubor apareceram nas faces de Hera, mas baixou a cabeça. Quando ela e Zeus ficassem de novo a sós, transmitir-lhe-ia os seus pensamentos acerca desta humilhação pública, mas não estava na disposição de fazer agora uma cena perante os outros habitantes do Olimpo. Sabia que era inútil argumentar quando Zeus optava majestosamente pela primeira pessoa do plural e proferia frases como «a nossa vontade».

AS ESQUADRAS

O navio-almirante de Agamémnon liderava uma poderosa esquadra, apropriada ao esplendor e importância de Micenas, o maior e mais poderoso dos reinos gregos. De facto, Agamémnon preferia chamar-lhe império.¹ Por todos os deuses do céu, como estava feliz por voltar a casa! O exército sob o seu comando fizera o que se propusera. Resgatara a honra da casa de ATREU e a reputação dos helenos. A indómita e inexpugnável Troia caíra. Helena tinha sido devolvida a Menelau. Tudo sob o comando de Agamémnon, Rei dos Homens. Na sua *aristeia*, o seu dia de glória, tinha chacinado mais troianos do que qualquer outro guerreiro. Ninguém podia duvidar das suas proezas, fosse como comandante na tenda, fosse como guerreiro no campo de batalha. No entanto, de alguma maneira, Agamémnon sempre sentiu que o respeito, a admiração e a adoração dispensados a Aquiles, Odisseu, Diomedes, Ajax,

¹ Um exemplo, talvez, da sua tendência para a grandiosidade. Micenas era de facto mais uma hegemonia, um reino que tinha controlo e comando sobre muitos outros. No auge, entre 1750 e 1100 a. C., ou à volta dessas datas, esse controlo estendia-se para leste até Atenas e Tebas, no continente grego, bem como a ilhas e reinos do mar Egeu, para oeste até Pilos e para sul até Creta. (*N. do A.*)

Pátroclo, Nestor e Teucro nunca lhe tinham sido conferidos. Aquiles... bem, claro, ninguém se aproximava de Aquiles, o único, o incomparável de ouro. Isso era de esperar. Mas mesmo Menelau era objeto de maior respeito e afeição dos seus homens. Agamémnon amava ternamente o irmão, mas fora afinal Menelau e o seu pouco controlo sobre a sua mulher que tinham causado aquele maldito desastre.

E os deuses! Cada um destes heróis fora ajudado por um habitante do Olimpo durante a guerra – cada um deles, com exceção de Agamémnon. Pelo outro lado, Ares, Afrodite e Apolo ajudaram Páris, Heitor e os troianos em todas as oportunidades. Porque tinha sido ele, Agamémnon, tão desprezado e ignorado?

Os fardos do comando. Ninguém ama um general. Responsabilizado por todos os desastres, mas sem crédito por nenhuma das vitórias. Desde o início que Agamémnon tivera de tomar decisões que dividiriam um homem mais fraco. Sacrificar a sua filha Ifigénia ou perder a guerra. Ceder às exigências humilhantes de Aquiles ou levá-lo a abandonar o campo de batalha. Correr o risco de pôr em prática o plano de Odisseu de deixar um grande cavalo na planície de Ílio para ser descoberto pelos troianos, ou seguir o caminho mais seguro de recusar um estratagema tão imprudente e nunca antes experimentado. No final, acabou por confiar no ardiloso demónio. Muitos o advertiram contra ele, mas Agamémnon seguiu o instinto. Ninguém se lembrava disso agora. Ele não foi um dos heróis que entraram na barriga do cavalo; foi o idiota que se manteve à espera no seu navio na baía, com reforços. Não houve nisso qualquer glória.

Bem, bem. Ela sabia que a autocompaixão era um fracasso abjeto. Mas isso já era passado.

Em breve, o pó e o fedor da guerra estariam longe das suas narinas, e ele encontrar-se-ia em casa, nos braços da mulher, CLITEMNESTRA. Não era exatamente irmã de Helena no que tocava à pura beleza física. Claro, ninguém era. Mas Clitemnestra estava mais próxima disso do que qualquer outra mulher que ele tinha visto. E, mais do

que isso, tinha um estilo e uma pose muito dela, uma elegância e uma autoridade que agiam sobre ele como uma poderosa poção que Helena, apesar de toda a sua graça e encanto, não igualava.

Veria os filhos. ELECTRA deveria ter por essa altura dezassete ou dezoito anos, a idade de Ifigénia quando...

ORESTES teria apenas doze ou treze e a pequena CRISÓTEMIS mal teria completado os dez. Quando Agamémnon partiu para a guerra, estava ainda a começar a desenvolver-se dentro de Clitemnestra, e Orestes tinha apenas começado a dar ordens aos seus companheiros de brincadeira. Teria Clitemnestra garantido que eles recebiam uma educação adequada?, questionava-se. Saberiam cantar e recitar poesia? Orestes saberia montar a cavalo e manejar uma espada? E Electra, que lhe acontecera? Imaginava um príncipe da Ática a cantar por baixo da janela dela.

Que a sua armadura se cobrisse de ferrugem! Dedicaria a vida à família. Era muito melhor ser pai de três do que governante de milhares.

Enquanto isso, ficaram prontos para navegar. Mas o que era aquele barulho? A princesa Cassandra. Lamuriava-se dia e noite, predizendo toda a espécie de disparates. Os seus soluços e gritos misturavam-se com os guinchos das aves marinhas ao mesmo tempo que o seu capitão levantava âncora e Agamémnon dizia por fim adeus àquela odiada costa.

Os doze navios que compunham a esquadra de Odisseu de Ítaca tinham o vento contra eles quando zarparam de Troia. Empurrados para norte, chegaram à costa da Trácia, junto à cidade de Ismara, capital dos ciconianos.¹ Os cidadãos locais não estavam à altura dos ítacos endurecidos pela guerra, que chacinaram os homens e levaram as mulheres da cidade e os tesouros para os seus navios.

¹ A Trácia atual é composta sobretudo pela Bulgária, mas inclui partes do Norte da Grécia e da Macedónia. Ninguém sabe ao certo onde se situava ou se situa Ismara. Foram as mulheres ciconianas que esquartejaram Orfeu, indignadas com a sua preferência por homens jovens. Ver *A Grande História dos Heróis Gregos*, página 171. (N. do A.)